

Presidente da República  
**Luiz Inácio Lula da Silva**

Ministro da Educação  
**Fernando Haddad**

Secretário-Executivo  
**José Henrique Paim**

Secretário da Educação Continuada,  
Alfabetização e Diversidade  
**Ricardo Henriques**

**TRABALHANDO  
COM A EDUCAÇÃO  
DE JOVENS  
E ADULTOS**

# **OBSERVAÇÃO E REGISTRO**



Diretor do Departamento  
de Educação de Jovens e Adultos  
**Timothy Denis Ireland**

Coordenadora-Geral  
de Educação de Jovens e Adultos  
**Cláudia Veloso Torres Guimarães**

### Equipe de elaboração

Redação:  
**Elisabete Costa**  
**Vera Barreto**

Coordenação:  
**Vera Barreto**

Revisão:  
**Maria Luisa Simões**  
**Glória Maria Motta Lara**

Design gráfico, ilustração e capa  
**Amilton Santana**

Fotos da capa:  
**Moisés Moraes**

Agradecimentos:  
**Cezar Sena**  
**Cláudia Mendes**  
**Fátima Silva**  
**Márcia Aparecida Ortega**  
**Márcia Carvalho**  
**Maria Aparecida T. Lima**  
**Maria Célia Rocha**  
**Maria Suemi Salvador**  
**Rosângela P. Vanucci**  
**Sílvia Woss**  
**Wilson Mesquita de Almeida**

Brasília - 2006

## Apresentação

O Ministério da Educação, para enfrentar os processos excludentes que marcam os sistemas de educação no país, cria, em 2004, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Respeitar e valorizar a diversidade da população, garantindo políticas públicas como instrumentos de cidadania e de contribuição para a redução das desigualdades são os objetivos desta nova Secretaria.

A SECAD, por meio do Departamento de Educação de Jovens e Adultos, busca contribuir para atenuar a dívida histórica que o Brasil tem para com todos os cidadãos de 15 anos ou mais que não concluíram a educação básica. Para tanto, é fundamental que os professores e professoras dos sistemas públicos de ensino saibam trabalhar com esses alunos, utilizando metodologias e práticas pedagógicas capazes de respeitar e valorizar suas especificidades. Esse olhar voltado para o aluno como o sujeito de sua própria aprendizagem, que traz para a escola um conhecimento vasto e diferenciado, contribui, efetivamente, para sua permanência na escola e uma aprendizagem com qualidade.

Apesar de a educação de jovens e adultos ser uma atividade especializada e com características próprias, são raros os cursos de formação de professores e as universidades que oferecem formação específica aos que queiram trabalhar ou já trabalham nesta modalidade de ensino. Igualmente, não são muitos os subsídios escritos destinados a responder às necessidades pedagógicas dos educadores que atuam nas salas de aula da educação de jovens e adultos. Procurando apoiar esses educadores, a SECAD apresenta a coleção **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos**, composta de cinco cadernos temáticos. O material trata de situações concretas, familiares aos professores e professoras, e permite a visualização de modelos que podem ser comparados com suas práticas, a partir das quais são ampliadas as questões teóricas.

O primeiro caderno, ALUNAS E ALUNOS DA EJA, traz informações, estratégias e procedimentos que ajudam os educadores a conhecerem quem são os seus alunos e alunas. Questões que abordam o perfil do público da educação de jovens e adultos, tais como: porque procuram os cursos, o que querem saber, o que já sabem e o que não sabem, suas relações com o mundo do trabalho e na sociedade onde vivem.

Em A SALA DE AULA COMO UM GRUPO DE VIVÊNCIA E APRENDIZAGEM, segundo caderno desta coleção, são apresentadas algumas estratégias capazes de gerar, desenvolver e manter a sala de aula como um grupo de aprendizagem onde cresçam os vínculos entre educador/educando e educandos entre si.

Nos dois cadernos seguintes são abordados quatro instrumentos importantes para a prática pedagógica dos professores e professoras: OBSERVAÇÃO E REGISTRO, AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO. São desenvolvidas, entre o conjunto de questões pertinentes aos temas, suas funções e utilidades no cotidiano do educador.

O último caderno, O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS E PROFESSORES, apresenta orientações e discussões relativas à teoria do conhecimento: como os alunos aprendem e como os professores aprendem ensinando.

Boa leitura!

Ricardo Henriques  
Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

# Índice

## Parte 1

### **A observação e o registro**

Introdução 3

Observação 4

O que o(a) professor(a) observa? 8

A observação como instrumento de formação do(a) professor(a) 9

Como observar 10

Ajuda na observação 11

## Parte 2

### **O registro**

Registrar é uma marca da humanidade 12

O registro da prática do(a) professor(a) 14

As diferentes formas de registrar 17

Os diferentes tipos de registro 17

Os(as) professores(as) registram projetos 18

... uma atividade de aula 28

... o desenvolvimento de um tema 30

... suas reflexões sobre seu fazer pedagógico 33

... as produções dos alunos 35

... os conhecimentos construídos pelos alunos na  
"Escola da vida" 36

... seu percurso, sua aprendizagem 37

... o perfil de seus alunos 39

... reflexões sobre sua prática pedagógica 40

## Parte 3

### **Como registrar**

O difícil e prazeroso ato de registrar 44

Como registrar 45

Preparando o registro:

Em relação ao ato de registrar 46

Em relação ao tempo 47

Em relação as formas de registrar 48

Em relação ao tema 49

**Bibliografia 50**

## A OBSERVAÇÃO E O REGISTRO

### INTRODUÇÃO

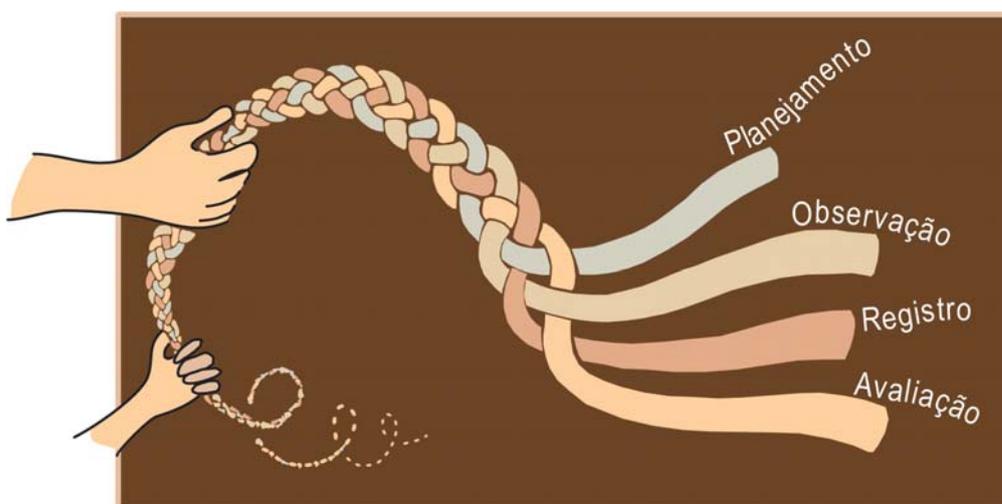
A observação, o registro, a avaliação e o planejamento são ferramentas metodológicas do(a) professor(a).

Neste caderno, vamos nos ater à observação e ao registro, instrumentos pelos quais o(a) professor(a) vai dando conta da aprendizagem dos alunos e da qualidade dos relacionamentos que acontecem na sua sala de aula entre alunos, o(a) professor(a) e conhecimento.

Além disso, a observação e o registro evidenciam as habilidades e atitudes que o(a) professor(a) procura privilegiar.

Na prática do(a) professor(a) essas ferramentas estão intimamente ligadas e se misturam nas diferentes ações que vão sendo desenvolvidas.

A separação feita aqui é artificial, tem apenas a finalidade de permitir uma análise mais detalhada de cada um desses instrumentos.

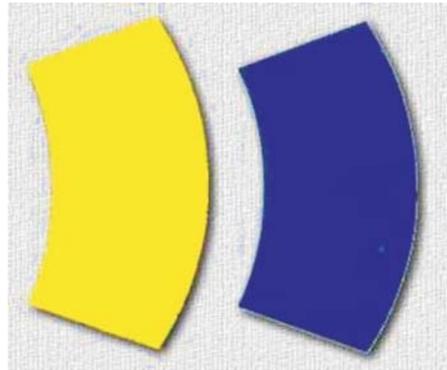


Ferramentas metodológicas do(a) professor(a)

## A OBSERVAÇÃO



O que você vê nesta imagem?  
Uma pessoa? Ou uma assinatura?



Qual das figuras é maior?  
A amarela? A azul?

Nas ilusões que vimos, a dificuldade parece estar apenas nos nossos olhos. Mas nem sempre é assim. Às vezes, nos deixamos influenciar pelas expectativas que temos em relação ao que vai ser visto.

A observação não é um fato facilmente realizável. É também uma das formas mais tradicionais para se chegar ao conhecimento.

Nela não entram apenas as imagens do que nossos olhos conseguem ver, há uma outra parte, muito importante, constituída pelo nosso cérebro e que depende da nossa cultura, conhecimento, expectativas etc.

Observar é uma coisa, ver ou enxergar é outra bem diferente. **Quem vê teve que aprender a ver, a interpretar o que estava sendo observado.**

Quantos de nós seriam capazes de enxergar os problemas diagnosticados por um médico, a partir de uma radiografia? Quantos “veriam” pequenos deslizes de um músico na execução de uma sinfonia?

Esses são exemplos de como o entendimento ou a verificação percebida pelos sentidos de um observador depende de conhecimentos que orientam os fatos observados.

Da mesma forma podemos encontrar diferentes visões em relação a observação de um mesmo objeto, como uma sala de aula e as diferentes práticas desenvolvidas nela.

## AS DIFERENTES FORMAS DE VER



A mesma figura do desenho acima pode gerar conclusões bem diferentes. Vejamos:

### Professor A

- “É uma sala onde se conversa muito e se aprende pouco. Sentados em grupos, em torno de uma mesa, os alunos se distraem com facilidade, isso não é uma coisa boa.”
- “A professora não aparece como clareza. Tenho a impressão que ela não tem muita autoridade.”
- E outras coisas mais...

### Professor B

- “Esta é uma sala onde os alunos aprendem bem porque podem trocar idéia sobre o que pensam e o que sabem.”
- “A situação de grupo ajuda na aprendizagem.”
- “A professora atende os alunos nas suas questões específicas.”
- E outras coisas mais...

Dois aspectos precisam ser considerados a partir do que já foi colocado :

- 1- observa melhor quem conhece mais porque pode **ver mais**.

Um exemplo: para os professores que conhecem o processo da alfabetização, uma escrita aparentemente cheia de erros dá pistas para compreender como esse aluno pensa a escrita. Assim, o(a) professor(a) pode escolher que tipo de intervenção deve realizar para que o aluno possa avançar no seu conhecimento.

2 - Para observar é necessário ter perguntas e duvidar de suas respostas, que deverão ser comprovadas ou negadas pela observação. Em outras palavras, o(a) professor(a) precisa saber o que vai observar para poder direcionar o seu olhar para o que deve ser visto. Só assim, a observação se constitui como sua ferramenta de trabalho.

Quanto maior for a clareza do(a) professor(a) sobre o que quer saber, mais facilidade encontrará na sua observação.

Depois de escolher o que quer saber, o(a) professor(a) é guiado pelo que acontece na realidade: alunos, organização escolar, conteúdos desenvolvidos e relações que estão presentes em todo o seu trabalho.

Geralmente, ele(a) escolhe como foco da sua observação questões que a preocupam. Assim, quando percebe dificuldades na constituição da classe como um grupo é este o aspecto observado.

Quando percebe dificuldades na aprendizagem dos conteúdos que ele(a) ensina, volta sua observação para essa questão. Por exemplo, se as dificuldades se ligam à matemática, ele(a) leva sua observação para a forma como pensam os alunos em relação a lidar com quantidades: comprar, pagar, fazer orçamentos etc.

## **OBSERVAR - AÇÃO QUE PRECISA SER APRENDIDA**

Nem sempre nossa capacidade de observar está suficientemente desenvolvida. Veja o que diz a professora Madalena Freire:

*“Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nós paralisia, fatalismo, cegueira.*

*Para romper esse modelo, a observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante.*

*Olhar que envolve **atenção** e **presença**. Atenção que envolve sintonia consigo mesmo e com o grupo. Concentração do olhar que inclui escuta de silêncios e ruídos na comunicação.*

*O ver e o escutar fazem parte do processo da construção desse olhar. Em geral, não ouvimos o que o outro fala; mas sim o que gostaríamos de ouvir.*

*O mesmo acontece em relação ao nosso olhar estereotipado, querendo ver só o que nos agrada, o que sabemos, também reproduzindo um olhar de monólogo.*

*Ver e ouvir demandam implicação, entrega ao outro.*

*A ação de olhar e escutar é um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história.*

***Neste sentido a ação de olhar é um ato de estudar a si próprio, a realidade, o grupo à luz da teoria que nos inspira.***

***Este aprendizado de olhar estudioso, curioso, questionador envolve ações do pensar: o classificar, o selecionar, o ordenar, o comparar, o resumir, para assim poder interpretar os significados lidos. Neste sentido o olhar e a escuta envolvem uma ação altamente movimentada, reflexiva, estudiosa.”***

O **OLHO** e o **OLHAR** estão presentes na língua portuguesa. São muitos os provérbios e expressões onde estas duas palavras aparecem.

Olhe lá! Mau olhado. Amor à primeira vista. Olho gordo. Olho comprido. Olho clínico. Olho morto. Olho vivo. Olho grande. Não pregar o olho. Saltar aos olhos... Nossos pontos de vista... De encher os olhos... Estar de olho...

**Fique de olho! Certamente descobrirá outras expressões.**

## O OLHAR e o ESCUTAR, na observação

O olhar e o escutar que fazem parte da observação tem funções bem definidas. Servem para:

- conhecer cada vez mais quem são os alunos e a relação deles com a realidade da qual fazem parte.
- conhecer para avaliar e planejar as ações educativas que irão acontecer.

## O QUE O(A) PROFESSOR(A) OBSERVA?

De uma maneira bem objetiva, o(a) professor(a) observa tudo que considera importante para iluminar a sua prática, tudo que chama sua atenção, que faz pensar e querer saber mais.

Uma pergunta feita a um grupo de professores da EJA sobre o que costumam “ver” nos seus alunos, teve variadas respostas.

As mais freqüentes foram:

- o interesse
- o desinteresse
- o hábito de fazer muitas perguntas
- o hábito de nunca perguntar
- o fato de ser barulhento
- ser muito quieto
- ser bom aluno
- não querer se esforçar
- ter boa aparência
- ser muito educado

No fundo, todo(a) professor(a) observa seus alunos de alguma forma. Entretanto, na maioria das vezes, são observações espontâneas que quase nada mudam na prática que fazem.

A observação que está sendo alvo da nossa atenção vai além desse ver espontâneo: quer saber mais para interferir melhor.

**Como ferramenta básica do seu fazer, a observação está presente nas diferentes atividades de um(a) professor(a):**

- **na busca de compreender cada vez melhor seus alunos.**

Neste sentido a observação busca saber como trabalham na sala de aula, quais seus interesses, suas dificuldades e facilidades, sua forma de relacionar com os colegas, com o(a) professor(a) e suas características pessoais: timidez, tranquilidade, agitação, concentração, habilidades, sua forma de pensar.

- **na avaliação do que sabem os alunos.**

A observação contribui para a análise das hipóteses que quer provar, no que parece incompreensível, no que é só intuição.

- **no acompanhamento do planejamento.**

Ao acompanhar o desenvolvimento das ações planejadas, o(a) professor(a) avalia sua própria ação, notando os aspectos onde planejou de acordo com a realidade de sua classe e nos momentos onde se afastou dela.

- **no registro do(a) professor(a).**

A observação cumpre um papel relevante ao contribuir para a percepção da realidade - objeto do registro do(a) professor(a). Ela faz notar o que não aparece com evidência e que exige saber ver, ouvir e interpretar.

É possível concluir que a observação é elemento importante nos atos de registrar, avaliar e planejar, instrumentos metodológicos de todo(a) professor(a).

## **A OBSERVAÇÃO - COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A)**

Como instrumento de formação do(a) professor(a), a capacidade de observação ocupa um lugar-chave na possibilidade de aperfeiçoamento da prática pedagógica. É sua principal fonte de informação.

É através de um diagnóstico constante das atuações de seus alunos, a partir das informações que tem, do que infere ou interpreta, que o(a) professor(a) pode alcançar uma melhoria em sua prática educativa.

Embora saber observar seja uma necessidade verdadeira, ela não é tudo.

Além de observar é importante:

- saber o que fazer com o que se observa,
- ampliar os conhecimentos em relação ao que é observado,
- saber mudar os aspectos negativos de tal forma que não impeçam o avanço dos alunos.

Para isso, é preciso saber o que falta ao(à) aluno(a) e qual é a melhor forma de intervir adequadamente.

## COMO OBSERVAR

Só é possível aprender a observar, observando. Não há outro caminho. O mesmo acontece com todas as outras práticas.

Mas além do exercício de observar, o(a) professor(a) aprende quando comenta suas observações com outros professores. O mesmo acontece quando, na sua escola, existe um coordenador com o qual pode dialogar em torno da sua forma de observar.

No olhar de um(a) professor(a) se destacam três pontos de observação:

- o da sua atuação como guia dos alunos na busca do conhecimento. Questões relativas ao que o(a) aluno(a) percebeu que aprendeu; o que lhe foi mais significativo; em que aspecto quer aprofundar o estudo, como foi sua participação no grupo.
- o da dinâmica onde ele(ela) percebe as relações estabelecidas entre os elementos do grupo e entre o grupo e o seu objeto de estudo. Entre esses elementos destacam-se a tensão em torno do erro, o prazer de conhecer e de ajudar o outro.
- o do aprendizado individual e/ou coletivo, onde seu olhar vai procurar o que foi mais significativo aprender para os alunos e para ele(ela). Nesse ponto, pode ser objeto de observação do(a) educador(a) a forma como trabalhou, como respeitou os diferentes ritmos dos alunos e como socializou suas descobertas com os outros professores e professoras.

**Observar os três pontos ao mesmo tempo cria uma complexidade que acaba interferindo no próprio ato de observar, principalmente, quando se está no começo dessa prática. Assim, é preferível escolher um dos aspectos para observar.**

## AJUDA NA OBSERVAÇÃO

Para um bom exercício de observar, vale a pena:

- ter um caderno com algumas páginas dedicadas a cada um dos alunos. Nele serão anotados os fatos significativos que caracterizam a forma de aprender, de conviver de cada um, com as datas das observações.
- dar atenção às perguntas feitas pelos alunos. Elas sempre tem um sentido para quem pergunta.
- em algumas situações onde o fazer pode dizer mais que o falar ou escrever, é interessante se valer de outras linguagens para apresentar questões significativas para o grupo. O desenho, as dramatizações, os painéis são bons exemplos destas linguagens.

## O REGISTRO

Uma das formas que temos para ir sempre aprendendo mais e melhor é pensar. Mas, o pensar que ajuda a aprender não é um pensar qualquer, solto sem uma direção e sem compromisso. É um pensar organizado, um pensar que pergunta e vai atrás das respostas.

Dizia o grande educador brasileiro, Paulo Freire, que a gente pensa melhor quando pensa a partir do que faz, da prática.

Mas, pensar sobre a prática sem registrá-la tem muitas limitações. O pensamento acaba se tornando mais uma lembrança, e por ficar só na oralidade, perde a possibilidade de ser repensado e revisto. O registro escrito

mostra o pensamento de seu autor. O próprio ato de escrever já leva o(a) professor(a) a um certo distanciamento do seu fazer, dando-lhe um olhar mais amplo e facilitando a escrita do seu pensamento.

Além disso, como toda escrita, o texto pode ser revisto, ter algumas das suas idéias aprofundadas e outras corrigidas.

Tudo isso faz com que o(a) professor(a) ao registrar suas reflexões vá se tornando autor(a) do que pensa e, em conseqüência, autor(a) do seu jeito de fazer.

Quando isso não ocorre, ele(a) está destinado(a) a ser um(a) copista da teoria dos outros. E, pior: se a teoria dos outros não for refletida, os copistas não alcançarão os sucessos obtidos pelos seus autores.

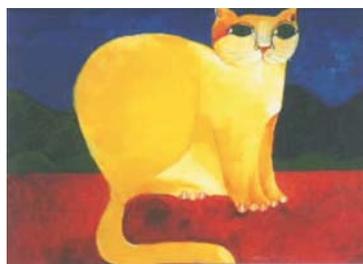
É importante dizer que as teorias dos outros são de grande validade para o(a) professor(a) quando estabelece um diálogo entre seu pensamento e o dos outros teóricos. Diálogo que, certamente, será muito produtivo no avanço do pensar do(a) professor(a) e, conseqüentemente, no seu jeito de atuar.

## REGISTRAR É UMA MARCA DA HUMANIDADE

É próprio dos seres humanos registrarem o que vivem, o que pensam e a realidade onde se encontram.



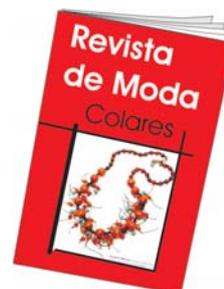
Carranca esculpida e pintada em madeira



Pintura, Aldemir Martins, 1922 / 2006

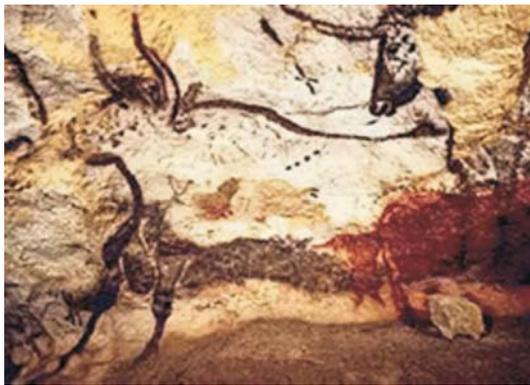


Escritos ou não todos os registros falam das experiências humanas e por meio deles é possível reconstruir a própria história da humanidade.



Os registros expressam como seus autores observam, sentem e pensam sua participação no mundo. Quando temos contato com esses registros, nosso modo de olhar e de sentir “conversa” com o do autor e com os dos outros leitores compondo uma memória que deixa de ser só de quem fez o registro para se tornar coletiva.

O registro escrito guarda partes do nosso tempo que consideramos dignas de permanecerem vivas. Afinal, é graças ao registro escrito que hoje podemos conhecer a história da humanidade.



Pintura rupestre



Escrita cuneiforme

**English**      **अगपितोः**  
Sânscrito

**Português...**

## O REGISTRO DA PRÁTICA DO(A) PROFESSOR(A)

Para o(a) professor(a) o registro da sua prática constitui importante instrumento de aperfeiçoamento do seu trabalho. Isso acontece porque ao registrar, representa sua experiência através de um objeto concreto, feito de palavras, que podem ser lidas, revisadas e analisadas.

Trabalhando com essa representação, ele(a) é estimulado(a) a repensar a prática ali representada. Poderá descobrir atitudes que deveriam ter sido tomadas, destacar as alternativas adequadas que foram utilizadas e todo um conjunto de procedimentos que levariam a melhores resultados.

Além disso, o registro da prática do(a) professor(a) quando comunicado a outros educadores sugere novas práticas pedagógicas.

*“Um dia encontrei um relato de uma professora que me interessou muito. Ela falava dos seus alunos e de como trabalhava com eles. Me identifiquei logo com a professora porque eu também tenho vários alunos de mais de 50 anos. O jeito dela ensinar parecia muito bom e tentei fazer alguma coisa parecida na minha classe. Deu certo. Comecei também a escrever sobre o meu trabalho. Fiz um tipo de diário”.*

*Fátima Silva*

Mesmo sabendo da importância do registro, poucas vezes o realizamos. Isso tem seus motivos: a cultura brasileira é essencialmente oral, falamos muito mais que escrevemos e confiamos a nossa memória a capacidade das nossas cabeças de armazenar o que aprendemos e vivemos.

O exercício da escrita como registro das observações feitas pelos professores, além de documento que pode ser consultado, possibilita também ampliar o domínio da linguagem escrita e dinamizar o potencial de criatividade próprio de cada um.

As prováveis dificuldades iniciais quanto ao *que* e *como* escrever, falta de *inspiração* e descoberta dos momentos mais adequados para começar serão

minimizadas no decorrer do processo, a medida que seja criado maior envolvimento com o ato de registrar.



Fonte: jornal - O ESTADO DE SÃO PAULO

Como o desenho nos confirma, registrar nem sempre é uma tarefa fácil. Para escrever precisamos organizar o nosso pensamento e isso exige tomada de decisão e disciplina.

Outra questão é que ninguém faz bons registros de um dia para o outro. A sua aprendizagem exige paciência, dedicação e trabalho.

*“Nunca havia escrito um registro sobre o meu trabalho de professora, até que decidi participar de um curso oferecido para professores pela Secretaria da Educação. Lá éramos incentivados a registrar o que fazíamos e observávamos em nossas salas de aula.*

*Como chegava em casa muito tarde e cansada, deixava para a manhã seguinte a anotação das observações feitas. Assim foi até o final da semana.*

*No sábado, peguei a caneta e o papel, no lugar mais calmo da casa e tentei escrever, mas como era difícil!*

*Faltava assunto, as idéias chegavam e iam sendo censuradas e abandonadas. Acabei escrevendo esta “coisa”, bem simples:*

*“Esta semana fez muito frio e a frequência dos alunos diminuiu. Isso atrapalhou muito o meu planejamento. Achei melhor não avançar no programa e usar o tempo para rever as dificuldades existentes. Olhei para todos e vi que muitos dos que tinham dificuldades não estavam lá. Decidi corrigir as questões de matemática feitas na 4ª feira. Foi bom porque deu para seguir o pensamento de cada um. Descobri que ter, na classe, 5 adolescentes, 15 jovens, 11 adultos e 6 idosos era uma loucura. Como seria bom ter sempre classes menores!”*

*A coordenadora do curso, depois de ler o meu “ensaio” de registro, me animou dizendo que eu estava iniciando um longo caminho. Fez também alguns comentários que me ajudaram:*

- *o registro não é uma ata da aula. Escolha o que você quer comentar;*
- *não deixe de anotar a data e o porquê da sua escolha em relação ao que registrou;*
- *escreva imaginando que o seu texto será lido por alguém. Portanto não é bom deixar muitas coisas subentendidas. Escreva de tal forma que possa ser compreendida por qualquer leitor;*
- *questões como as seguintes, ajudam na reflexão e poderão enriquecer o seu registro: o que você descobriu ou aprendeu com seus alunos, durante o período relatado?; O que você fez e faria novamente? Por que?; O que você não fez, mas sentiu que deveria ter feito? Por que?*

*O exercício de registrar foi me tornando capaz de perceber melhor a minha forma de trabalhar. À medida que me compreendo, vou também compreendendo mais meus colegas de escola.*

Mércia Dias

## AS DIFERENTES FORMAS DE REGISTRAR

Imaginemos que estamos iniciando um encontro de professores de jovens e adultos. Nos primeiros momentos, entre abraços e conversas informais, alguém retira de sua pasta várias fotos onde aparece seu grupo de alunos, numa apresentação de trabalhos. Outra professora mostra uma atividade que preparou e que deu muito certo naquela semana. Noutra rodinha, podemos ouvir uma conversa animada sobre o envolvimento dos alunos numa produção de cartazes que são mostrados com muito orgulho.

Estes são alguns exemplos de situações nas quais os professores estão, informalmente, socializando experiências que foram registradas de diferentes maneiras: uma foto, uma produção de aluno, um relato oral, uma atividade que deu certo. Ao fazer isso, eles exercitam sua comunicação e assim refletem, rememoram e partilham o seu fazer.

O registro permite uma diversidade de funções e está a serviço de diferentes propósitos: comunicar, documentar, refletir, organizar, rever, aprofundar e historicizar. A forma e o conteúdo do registro também podem e devem variar, tanto quanto variam suas finalidades. O registro escrito torna visível estes diferentes objetivos.

Além disso, o ato de escrever nos obriga a fazer perguntas, levantar possíveis respostas e organizar o que pensamos. Tudo isso nos leva a dar conta de que caminhos devemos seguir, que mudanças devemos fazer, que escolhas não foram felizes e que decisões facilitaram as aprendizagens dos alunos. Vamos tecendo a história de nosso grupo.

## OS DIFERENTES TIPOS DE REGISTRO

Nos trabalhos realizados pelos professores e alunos é possível encontrar diferentes tipos de registros cada qual adequados às finalidades para as quais foram feitos.

## Os professores registram projetos...

O projeto, cujo registro você vai ler a seguir, nasceu porque as professoras acreditaram ser muito importante para seus alunos o resgate da sua identidade cultural.

Ao realizá-lo, as professoras estavam convictas de que esse trabalho se contrapunha à cultura de massas estabelecida pela mídia e permitia a percepção e a convivência democrática das diferentes culturas.

Contando com a participação de diferentes áreas do saber, o projeto foi puxado pelas ciências naturais.

### Registro do projeto:

#### *“Trabalhando com a identidade dos alunos da suplência 1*

*Para resgatar a identidade dos alunos, comecei uma conversa perguntando:*

- De que região vieram?*
- Qual a sua recordação de infância?*
- Como era o lugar onde viveram?*
- O que faziam?*
- Quais eram os costumes da região?*
- Em que consistia sua alimentação quando você morava lá?*
- Que tipo de doenças tinham na sua região?*
- Como tratavam essas doenças?*
- Em que lugar esses doentes eram tratados?*
- Por que saíram da região?*

*Através das respostas dadas oralmente, fui fazendo uma síntese na lousa. Pude observar que os alunos ficaram bem descontraídos e alguns até se emocionaram ao recordar sua infância. Conforme eles iam relatando, começaram a falar dos costumes, comidas típicas, vestimentas etc.*

*Percebi também que os recursos de saúde na região eram precários, por isso as doenças se alastravam. Os únicos remédios que tinham eram produzidos artesanalmente a partir de ervas medicinais. Combinamos, então, fazer uma exposição sobre a Cultura Popular.*

*Para haver maior integração na escola cada sala ficou com um assunto. Minha sala ficou com as plantas medicinais que curavam as doenças que apareciam na região em que moravam e que até hoje são usadas.*

*Num segundo momento os alunos foram entrevistar vizinhos e conhecidos mais velhos sobre o assunto.*

*Para a entrevista prepararam as questões:*

- No seu tempo, como eram medicadas as pessoas que ficavam doentes?*
- Como era preparada essa medicação? E em que lugar?*
- Quais as plantas medicinais que você conhece?*
- Para que servem?*
- Você ainda usa estas medicações?*

*Dessas respostas foi feita uma síntese na lousa e uma produção de texto coletiva. Foi o nosso ponto de partida para organizar o conhecimento.*

### **Organização do Conhecimento:**

*Depois desse trabalho, lemos um texto sobre medicina popular: a Importância das Plantas.*

### **Aplicação do Conhecimento:**

*Após a discussão e o pensar sobre o texto, voltei ao estudo da realidade da classe para confrontar com as informações obtidas na organização do conhecimento.*

## **A exposição**

*Organizamos uma exposição, montando numa sala tudo o que os alunos tinham conseguido e confeccionado. Nas paredes foram colocados os cartazes contendo lendas, simpatias, ditos populares, rezas e as ervas medicinais com folhetos explicativos de seus usos.*

*Foram montadas duas mesas grandes: uma só com as ervas medicinais, onde alguns alunos iam dando explicações de como fazer os chás e suas utilidades e outra só com objetos artesanais. No chão tinha carrancas, vasos artesanais e vestimentas de época (chapéus, coletes de couro...).*

*Durante a exposição houve uma apresentação de fantoches, uma luta de Capoeira e a Dança do Bumba-meu-Boi.*

*Ao realizar esse trabalho, pude observar que houve uma integração dos alunos e um trabalho coletivo de professores, envolvendo diversos saberes.”*

Rosangela Pereira Vanucci

Trabalhar com projetos constitui uma alternativa bastante interessante de ser desenvolvida, principalmente em classes, onde a heterogeneidade é significativa. Isso porque no projeto existem distintas formas de participação podendo corresponder aos diferentes níveis de conhecimento.

Tudo começa com a escolha de um tema, geralmente, uma questão vivida pelos alunos que requer conhecimentos e soluções.

O tema é desenvolvido e os conhecimentos gerados são organizados numa produção final, que pode ser um folheto explicativo, uma exposição, uma apresentação cultural, etc.

O registro que acabamos de ler trata de uma questão de grande valor para a EJA: a valorização dos alunos através das suas marcas culturais.

## Um projeto envolvendo estudo do meio...

Sendo o projeto uma forma de trabalhar que oferece muitas oportunidades de conviver e aprender, vamos apresentar o registro de um outro projeto por suas interessantes características. Uma delas está no fato de reunir no seu planejamento e execução diferentes áreas de conhecimento: língua portuguesa, artes e história. Outro aspecto interessante está no fato de ter três momentos fora do espaço da escola: uma visita ao centro da cidade, outra à Pinacoteca do Estado e à praça da Luz e a terceira ao Museu do Imigrante. Outro aspecto que merece destaque foi o da sua duração: quatro meses de árduo e produtivo trabalho.

Muita coisa se descobriu, muitos conhecimentos se ampliaram, tudo no meio de muitas surpresas !

## Uma releitura do centro da cidade

*“de uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas”*

Ítalo Calvino

Uma cidade como São Paulo acaba por possuir diversas sub-cidades dentro de si. O cotidiano da população se constrói no próprio bairro e imediações. Quando muito as saídas são para lugares fechados, fazendo com que a cidade se torne apenas uma imagem separada pela janela e pela velocidade. Essa distância física acaba por se converter em distância histórica e o indivíduo se torna um cidadão sem direito à cidade.

Idas ao centro ocorrem apenas na rotina do trabalho: percursos apressados que não permitem espaço para a contemplação.

Este projeto teve como objetivo resgatar a nossa história coletiva a partir do lugar onde a cidade começou.

Através de oficinas nas áreas de artes plásticas, literatura e história e visitas ao centro da cidade, pretendíamos reconstruir uma conexão

histórica pela conexão geográfica, uma valorização e identificação com o espaço que nos cerca através do olhar atento do observador.

Resgatando a citação de Ítalo Calvino, tomamos a cidade como produtora de perguntas e possibilidade de respostas. Nesse sentido, o projeto, ao buscar tais respostas, propunha também ampliar a noção de cidadania do indivíduo que passa de objeto para sujeito da cidade e de sua história.

Ao final do projeto nosso objetivo foi a montagem de uma exposição com parte dos registros: fotografias, desenhos, entrevistas e relatos coletados, de maneira que instigasse e orientasse outros a visitar o centro da cidade.

#### **Objetivos gerais do projeto:**

1. aprofundar os conhecimentos sobre a trajetória da cidade de São Paulo estabelecendo relações entre diferentes áreas do conhecimento;
2. exercitar a manutenção de um olhar atento e curioso dentro da rotina cotidiana;
3. visitar o centro antigo e registrar através de anotações, fotografias, entrevistas e desenhos o que foi visto;
4. inserir os participantes no circuito cultural oferecido na cidade (Museus gratuitos, apresentações nos mosteiros, teatro de rua, praças, etc);
5. apresentar temas paralelos que podem ser desenvolvidos em sala de aula.

#### **Encontros preparatórios:**

**1º encontro** (teórico):

**Artes e Literatura: expedições ao Brasil e relatos fictícios - o limite entre o real e o imaginário.**

Conteúdo: Artes: artistas viajantes do séc XIX e XX. Expedição Eckhout e os tipos brasileiros, Debret e o cotidiano dos escravos de ganho, pintura de paisagens como percursora do cartão postal, Sebastião Salgado e outros fotógrafos contemporâneos.

Literatura: relatos de artistas viajantes na literatura universal.  
Espaços imaginários e reais em descrições de diferentes autores: Pero Vaz de Caminha, Ítalo Calvino, Guimarães Rosa, entre outros.

**2º encontro:** (teórico)

**História e Literatura: conhecer o que vamos ver e como registrar - a história de São Paulo e técnicas de registro.**

Conteúdo: História: a história do centro de São Paulo e suas modificações, a origem da cidade e o contexto histórico de suas transformações.

Literatura: metodologia para um registro ou entrevista.

Como e o que merece ser anotado nas visitas, como preparar e realizar uma entrevista.

**3º encontro:**

**Visita ao centro antigo:** Pátio do Colégio São Paulo, Praça e Catedral da Sé, Centro Cultural, edifício Martinelli, Anhangabaú e Teatro Municipal.

**4º encontro:**

**História e Artes: preservação do patrimônio histórico e a trajetória da arte brasileira na Pinacoteca do Estado.**

Conteúdo: História: preservação e degradação dos patrimônios históricos, as relações entre preservação e a construção da memória.

Artes: O acervo da Pinacoteca do Estado e o parque das esculturas da Luz. A transição entre a arte acadêmica e arte moderna na pintura brasileira; o Movimento Modernista e sua relação com a São Paulo de 1922; Arte contemporânea.

**5º encontro:**

Visita ao centro: Estação Julio Prestes, Pinacoteca do Estado, Parque da Luz e Estação da Luz.

**6º encontro:**

Montagem da exposição, reprodução de desenhos e fotografias em telas e seleção e organização do material para a exposição final.

**Público alvo:** alunos do 1º segmento da EJA.

**Registro fotográfico de algumas atividades desenvolvidas.**



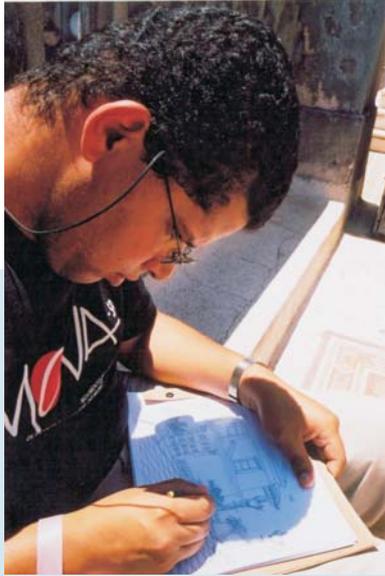
Visita a pinacoteca



Visita a pinacoteca. Aluna faz registro escrito em frente a escultura observada



O grupo participante do projeto em visita a Pinacoteca



Aluno registra através de desenho, no alto do Ed. Martinelli



Estátua viva se preparando, artista da praça, Um espanto para os alunos.



Visita ao Parque da Luz

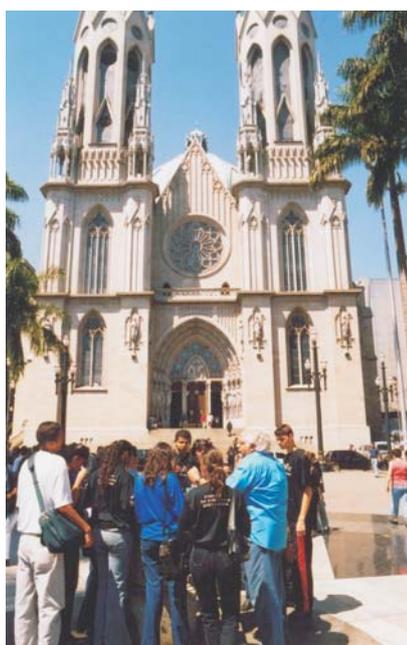


Visita ao Vale do Anhangabaú



Pátio do Colégio São Paulo

O grupo escuta comentários sobre a Catedral da Sé



## Algumas das produções escritas pelos alunos

### Sensações

#### No Pátio do Colégio

*“É impressionante chegar ao Pátio do Colégio, onde tudo começou e encontrar pessoas de várias idades, grupos de escolares, universitários, pessoas humildes, outras muito estudadas, conhecedoras de cada parte da história da cidade, deixando-nos curiosos para saber o que nem imaginamos, como encontrar um grupo de holandeses descobrindo a cidade.*

*É lindo encontrar guias de turismo usando o teatro para explicar a chegada dos jesuítas e conversar com um ator que responde como se fosse o próprio Pe. Anchieta.*

*- Você é paulistano? Não, nasci nas ilhas Canárias.*

*- Qual seu nome? Pe. Anchieta...ah, meu nome é Ivaldo e quem nasceu nas ilhas Canárias não fui eu, foi o Anchieta. Foi engraçado. Mais que isso, foi comovente ver a total entrega do Ivaldo ao seu papel.”*

Regina Viana

### Entrevistas

#### Na Praça da Sé

Antônio, o ciclista.

Tônio, como é conhecido, é filho de cearenses e nos finais de semana faz passeio pelo Centro. Faz paradas e fica observando as coisas.

Ana, a moça da farmácia.

Ana trabalha numa farmácia na praça da Sé. Disse que gosta de trabalhar no centro da cidade porque é sempre muito animado.

Ela quis saber o que estávamos fazendo. Conteí do nosso projeto e ela disse que a gente ia gostar muito do centro. Achou o nosso grupo muito grande e ficou admirada de saber que tem tanta gente moça e adulta estudando.

Benedita Costa, André Morais

### **Avaliações**

#### **O que o projeto São Paulo mostrou para você?**

*“A descoberta de uma São Paulo mais bela a partir do que tem de arte e de cultura. Foi um momento de convivência diferente entre os colegas.” ( Inês Martins)*

*“Foi um privilégio ver coisas que não enxergaria se não fosse a orientação dos estudos, dos roteiros. Na Pinacoteca, me impressionou um quadro de uma negra que mais parecia uma foto do que uma pintura. No Memorial do Imigrante fiquei impressionada com os relatos da gripe espanhola, que tanta gente matou!”. (Marilsa Freitas)*

*“O projeto enriqueceu minha cultura e meu modo de pensar. A integração entre todos foi um ponto muito positivo porque era muita gente e tudo aconteceu bem.” (Silvana Castro)*

*“No Museu do Imigrante me chamou a atenção o espaço de busca de imigrantes. Se colocar no monitor do computador o sobrenome do bistataravô aparece de onde ele veio, que dia chegou no Brasil... Se ele for imigrante!” (Dilson Mendes)*

*“Nunca tinha ido num museu e para falar a verdade achava que era uma coisa pra gente muito chique. Mas eu gostei e muito! Vou levar o marido e os dois filhos lá. (Rita de Cássia Rocha)*

*“Esse estudo foi a melhor coisa que a escola podia fazer para nós. Quando contei para minha filha tudo que vi, ela falou: mãe, se eu tivesse numa escola dessa, ia gostar também.” (Cleusa G. Silva)*

## As professoras registram uma atividade de aula.

O registro que segue é de uma professora de uma classe inicial da EJA. Ele registra uma aula de alfabetização.

### *“Um ditado diferente*

*Hoje fiz ditado diferente com a minha turma. Comecei explicando como seria: Avisei: 'Hoje o nosso ditado vai ser diferente. Todos vão receber uma lista com os nomes de 10 ônibus que passam pela rua da escola. Vou falar cada um dos nomes da lista e vocês vão procurar onde está a palavra, na lista. Vocês vão procurando os nomes e colocando na frente deles o número que vou dizer.'*

*Mal distribuí as folhas com os nomes das linhas de ônibus, algumas pessoas começaram a tentar decifrar o que estava escrito.*

SÃO MIGUEL	PENHA
PATRIARCA	CLÍNICAS
IBIRAPUERA	PRAÇA DA REPÚBLICA
PAISSANDU	TATUAPÉ
ANHANGABAÚ	GUAIANAZES

- *“Esse eu conheço, é “Penha”. Eu pego esse ônibus todos os dias.”*
- *“O meu é esse, o “Paissandu”, ele 'ta' sempre cheio.”*
- *“É 'São Miguel'. Olha parece que vai escrever São Paulo (e apontou o São) mais depois muda pra São Miguel. Eu descobri isto porque ia lá de ônibus (em São Miguel) toda semana, quando estava doente...”*

*Comecei o ditado: “Número 1. Vamos encontrar o nome: Praça da República. Depois vamos marcar o nome 'Praça da República' com o número 1.*

*Fui seguindo até o final da lista.*

*Em seguida, fizemos a correção. Copiei, no quadro, a lista que os alunos haviam recebido. Perguntei:*

- *“Quem quer mostrar, no quadro, onde está escrito “Praça da República?”*

*Bem rápido, José foi até o quadro e apontou, com acerto, o nome ditado. Fez questão de escrever na frente o número 1.*

*Sabendo que os alunos não liam convencionalmente perguntei como haviam chegado a aquela solução. Era uma boa oportunidade de aprendizagem para os que ainda não haviam construído recursos de leitura. Queria, também, que eles fizessem relações, comparações, entre a lista que era nova e o que já sabiam. Que pensassem sobre como se escreve.*

- *“Era o único nome que tinha três partes: praça/da/república.” (Ivo)*
- *“Porque é um nome muito comprido e os outros são mais pequenos.” (Diva)*
- *“Porque praça tem P, no começo.” (Maria B.)*

*Provoquei a turma mostrando outras palavras da lista que também começavam com a letra P. Foi um grande barulho.*

- *“O jeito é olhar também para o fim e vê como é que acaba.” (Gilda)*
- *“É isto mesmo porque Paissandu acaba com “du” e é menor. (Rosário)*

*(...)*

*Fomos até o fim da lista, sempre comentando sobre a forma usada para descobrir as palavras procuradas. Para ajudar, muitas vezes relacionei a palavra ditada com nomes de alunos ou outras palavras já conhecidas.*

*Percebi que para alguns alunos era difícil arriscar, fazer tentativas. Acreditavam que só errariam. Quando corrigíamos, alguns deles conseguiram se soltar com os comentários dos colegas.*

*O interesse foi grande por se tratar da lista de ônibus do bairro. Muitos usavam estes ônibus, diariamente, mas só observavam o número e a cor. No final, disseram que, agora, olhariam também para os letreiros.”*

*Maria Célia Rocha*

Quando um(a) professor(a) escreve sobre uma seqüência de atividades, está documentando o caminho que ele(a) e seu grupo percorreram para pensar e aprender sobre um determinado assunto. Esse caminho nos aponta para formas de intervenção do(a) professor(a) e para a dinâmica vivida pelos alunos.

Alguns destes registros são tão ricos em descrições que, ao lê-los, podemos imaginar a sala de aula, os alunos falando, escrevendo, debatendo, o(a) professor(a) intervindo, andando pelo espaço, atendendo seus alunos e os conhecimentos sendo construídos.

Outros professores até poderiam aprender com esse registro: o tema escolhido, a forma como apresentou a proposta, as perguntas que fez, as atividades que os alunos realizaram, o que foi aprofundado, o que foi usado para ilustrar a conversa, como as descobertas feitas pelo grupo foram registradas, de que forma a leitura e a escrita apareceram nessa seqüência. Estas são algumas perguntas que o registro do(a) professor(a) poderá responder e, dessa forma, dar pistas sobre um modelo a seguir.

### **Os professores registram o desenvolvimento de um tema...**

*“Eu e meus colegas da “Escola Vinicius de Moraes” decidimos trabalhar com o tema Trabalho.*

*Nossos alunos vêm de diversos bairros da zona leste de São Paulo e estão no início da Suplência II. Os alunos ficam o dia todo no trabalho e à noite vão à escola, deixando claro que o diploma*

*do ensino fundamental é importantíssimo para a sua ascensão profissional.*

*No nosso trabalho procuramos mostrar a eles que a escola também é importante para o entendimento do mundo em que atuam.*

*Tínhamos alunos de diferentes profissões e lidando com vários materiais. Com essa informação, planejamos que, no 2º semestre, faríamos um estudo sobre a matéria prima que envolve o material que o trabalhador precisa para desenvolver as suas atividades, os recursos naturais e o meio ambiente.*

*Cada aluno relacionou um material com a sua profissão. Surgiram vários estudos correspondentes às diferentes profissões:*

*1) Os metalúrgicos pesquisaram e apresentaram seus trabalhos sobre os metais: os minerais de onde são extraídos, as ligas metálicas como o aço, o bronze, o ferro e a história da extração e a utilização deste metal no Brasil. Colaborei com este trabalho após a apresentação dos alunos, levando os meus conhecimentos sobre os metais: tenho uma pequena coleção de metais em vidrinhos (mercúrio, estanho, chumbo, zinco, alumínio, etc.) e levei para que os alunos vissem e mostrei a tabela periódica para que soubessem quais os tipos de metais. Falei sobre as características e as propriedades dos mesmos. Fizemos um resumo na lousa, tanto da apresentação dos alunos, como da minha complementação e todos registraram em seus cadernos.*

*2) O frentista pesquisou e apresentou o seu trabalho sobre a produção do álcool. Ele explicou desde o plantio da cana-de-açúcar, citou o processo da fotossíntese, a colheita e a moagem da cana, até chegar à destilação do álcool. Após a apresentação do aluno reforcei a importância da fotossíntese na transferência de energia para os seres vivos e os alunos explicaram a destilação da pinga. Desenhei o destilador na lousa e expliquei a sua importância, na química, para a separação de misturas, inclusive*

*para a obtenção da gasolina. O assunto era muito extenso e foi desenvolvido em muitas aulas. Tudo o que foi possível registrei na lousa para que os alunos tivessem em seus cadernos.*

*3) As recepcionistas, auxiliares de escritório e estudantes pesquisaram sobre a produção do papel, corte da árvore ao tratamento químico da celulose e a formação da folha de papel. Comentamos a importância do reflorestamento para o meio ambiente, citando o caso da indústria Melhoramentos, da região de Caieiras (Grande São Paulo), com o reflorestamento de coníferas.*

*4) As donas de casa, as jovens e as senhoras que trabalham como diaristas em casa de família, pesquisaram sobre a produção do sabão e desinfetantes, levando inclusive receitas e uma amostra de sabão caseiro. Outras pesquisaram sobre a água (poluição, tratamento, mudanças de estados físicos, etc.)*

*5) As costureiras pesquisaram e apresentaram sobre a produção da lã, malha, lona e outros tecidos. O trabalho sobre a produção de lona para barraca foi muito interessante: a aluna levou o desenho das máquinas da indústria em que trabalha e amostras dos tipos de lona. Explicou o funcionamento das máquinas, como vai se formando a lona, o processo de impermeabilização e o material utilizado.*

*6) Tivemos ainda outros trabalhos interessantes sobre:*

*Visão - **vigias***

*Higiene - **auxiliar de creche***

*Eletricidade - **passadeira e eletricitas***

*Plástico - **trabalhadores de indústrias plásticas***

*Relógio - **vigia-porteiro***

*Ossos - **açougueiro***

*Cores e tintas - **pintor e estudante***

*Madeira - **marceneiro***

*Coração - **atendente de enfermagem***

*Em todos os trabalhos apresentados fomos montando um texto na lousa, cada um contribuindo de acordo com os seus conhecimentos. Procurei pesquisar alguns temas a respeito dos quais eu não tinha muita segurança, na medida do possível, para contribuir para com os trabalhos. Achei muito importante ouvir a voz dos alunos, até mesmo daqueles mais retraídos. Penso que eles se sentiram à vontade, porque se tratava de assuntos de seu conhecimento e do seu dia-a-dia.*

*O fazer dos alunos e alunas emergiu na sala de aula explicitando situações de suas vivências que possibilitaram a interação professor(a)/aluno(a), aluno/aluna na construção e processo de conhecimentos significativos.*

*Percebeu-se uma riqueza muito grande de conteúdos e possibilidades abordadas que permitiram vislumbrar inúmeras formas de atuação.”*

Márcia Aparecida Ortega

O tema, Trabalho, foi realizado e desenvolvido de forma bem interessante pelos alunos da escola Vinicius de Moraes. A partir das profissões dos alunos foi possível chegar a diversas matérias primas que foram estudadas e apresentadas pelos grupos de alunos.

Os professores e alunos buscaram uma forma de trabalhar que é o inverso do modelo escolar tradicional: partiram da experiência vivida para tirar dela o conhecimento organizado, segundo os padrões oficiais.

É a educação de jovens e adultos criando sua forma de aprender e ensinar.

### **Os professores registram suas reflexões sobre o seu fazer pedagógico...**

A professora Suemi se valeu do registro para expressar seu pensar sobre um dos pontos mais presentes na EJA: a crença dos alunos no modelo tradicional de escola.

*“... Eu trazia a convicção da importância do trabalho em grupo, do desenvolvimento da reflexão através dos debates e das questões estimuladoras de respostas que contenham opiniões e posicionamentos.*

*No contato com os alunos, percebi que eles eram avessos a essas formas de trabalho. Eles possuem uma concepção de escola tradicional, na qual o aluno senta em carteiras enfileiradas e copia as lições da lousa ou do livro.*

*Passei a refletir sobre esse choque de expectativas ou de representações que os alunos têm sobre o papel da escola, do professor, do aluno e da sala de aula. Afinal, os alunos são o motivo do nosso trabalho e não considerar seus anseios era uma 'violência'. Por outro lado era preciso trabalhar de forma a desenvolver hábitos de discussão, reflexão e posicionamentos para atingir os objetivos de formação ligados ao desenvolvimento da cidadania.*

*Este dilema passou a ser uma preocupação central quando, em uma reunião pedagógica, uma professora fez uma colocação indignada, dizendo que seus alunos queriam aula 'tradicional', queriam copiar e responder questionários, mas que ela não abriria mão de seu trabalho e de seus planejamentos.*

*Neste momento foi possível avaliar o equívoco das atitudes radicais que inviabilizam o diálogo professor e aluno. Sugeri então uma possível direção para resolver o problema.*

*Como solução entendemos que era preciso realizar um acordo com os alunos, pois ponderamos que o apego à escola antiga deve estar também ligado a uma questão afetiva de 'resgate da escola perdida na infância'.*

*Este acordo significava equilibrar as atividades 'que os alunos gostam' e ir introduzindo, num crescente, as atividades valorizadas por nós, sem nunca deixar de esclarecer os objetivos enquanto conteúdo e o valor formativo destas tarefas 'rejeitadas'.”*

Nesse registro, a professora deixa transparecer qual foi o caminho do seu pensamento na procura de explicações para suas observações. O texto acompanha sua reflexão na tentativa de encontrar uma saída para o conflito.

## Os professores registram as produções de seus alunos...

É da professora Márcia Carvalho o seguinte registro:

Elizete é uma alagoana que trabalhou durante muitos anos numa empresa que fazia limpeza em escritórios. Depois que foi demitida não conseguiu mais emprego, o que talvez explique a resposta (que aparece abaixo) dada por ela, quando sua professora pesquisou com os alunos o que gostariam de aprender.

Quando chegou à escola, Elizete só conhecia e traçava algumas letras. Muito interessada, não faltava às aulas, fazia muitas perguntas a professora e aos seus colegas. Marli, a professora, mantinha uma pasta para cada aluno e lá guardava, todos os meses, pelo menos uma produção escrita, como mostra do desenvolvimento da aluno.

EBAFADM0Ei março/03

Elizete CEILEI. CAMPÍAS junho/03

Eu queria fazer um estudo pra saber porque no Brasil tem quanta coisa pra precisando fazer e tem tanta gente sem emprego.

Elizete Moura.  
dezembro/03

O acompanhamento do percurso do aluno na sua aprendizagem é de grande utilidade na EJA. Não é fácil para os alunos, principalmente para quem está nos níveis iniciais, perceberem o seu desenvolvimento. Muitas vezes pensam que não estão aprendendo, que “não adianta insistir”. A possibilidade de, através da seqüência de seus progressos, mostrar para eles a sua evolução é, muitas vezes, motivo para não desistir da escola.

Além disso, essa prática ajuda o(a) professor(a) a perceber melhor as questões onde existem maiores dificuldades e, portanto, onde deve intervir.

## Os professores registram os conhecimentos construídos pelos alunos na “escola da vida”

A professora Cláudia Mendes ouviu uma de suas alunas com o objetivo de compreender a forma como os alunos, que não haviam passado pela escola ou nela tinham permanecido por um pequeno tempo, realizavam a operação matemática da adição.

Com este propósito, Cláudia entrevistou D. Rosa, uma passadeira de roupas, de 65 anos, que estudou durante seis meses quando criança e era analfabeta.

*“1. Há quanto tempo a senhora é passadeira?”*

*R. Na casa que eu trabalho mais tempo faz 32 anos.*

*2. Em quantas casas a senhora passa roupa, por semana?*

*R. Em cinco casa.*

*3. A senhora cobra por peça?*

*R. Não. Cobro por dia.*

*4. Qual é o preço por dia de trabalho?*

*R. Depende. Em três casa eu ganho 35 reais e em duas eu ganho 25 reais.*

*5. Por que existe a diferença de preços entre uma casa e outra?*

*R. Eu faço assim: tem casa que tem mais roupa, tem criança, suja mais, eu cobro mais caro. Agora tem casa que a roupa é pouca e não tem sujeira. Aí eu cobro um pouco mais barato.*

*6. E quanto a senhora ganha por semana?*

*R. Por semana? Deixa eu ver...*

*Ué! Em três casa de 35 reais dá 105 reais.*

7. Como a senhora fez para encontrar esse valor?

R. O quê? 105?

Ué! Eu pego  $35 + 35$  dá 70. Ai eu pego os outros 35 e junto com 70. Então, três casa 105 reais.

8. E depois? O que a senhora faz?

R. Ficou duas casa sem contar né? Eu pego as duas casa de 25 reais e junto. Dá 50 reais.

9. E como a senhora faz para chegar na quantia total?

R. O quê? A senhora quer saber como eu junto as cinco casa? Eu faço assim: Eu pego os 50 das duas casa, depois eu pego 105 dos 35 das três casa. Então eu falo:  $100 + 50$  e dá 150. E ficou faltando o 5. Ai eu acabo juntando o 150 com o 5 que dá 155.

10. A senhora sempre faz as contas sozinha?

R. Sempre eu faço assim e sozinha.

Obs.: Esta entrevista foi escrita de acordo com a fala da entrevistada.”

Este registro documenta uma entrevista cujo objetivo era conhecer a forma como os alunos adultos fazem matemática, com a cabeça.

Os registros que falam da lógica e dos conhecimentos adquiridos pelos alunos no seu dia a dia são de grande importância para o planejamento do trabalho de ensinar do(a) professor(a). Eles mostram de onde partem os alunos para chegar aos pontos de chegada delineados no planejamento do(a) professor(a).

### **Os professores registram seu percurso, sua aprendizagem...**

Como você vai perceber, o professor Cezar descobriu pela própria experiência o significado do registro na formação do(a) professor(a). Esta sua descoberta o anima a levar esta prática aos professores das proximidades de Cotia, a cidade onde mora.

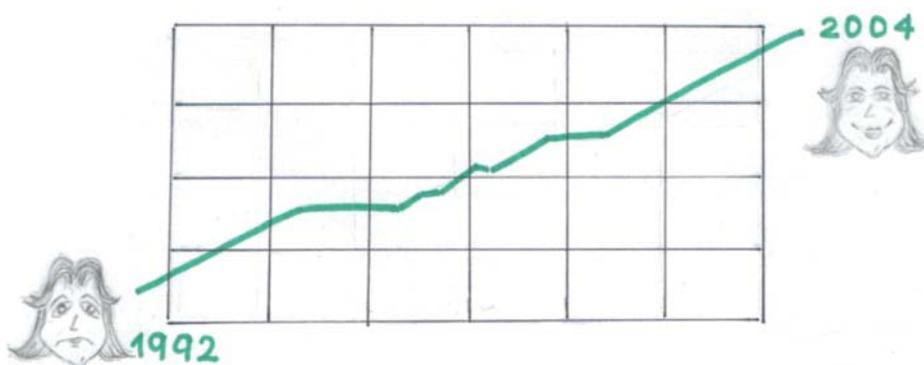
### **“Minha experiência com o registro escrito como professor**

*Lendo meus registros de professor, chego até a me emocionar com os resultados positivos obtidos. Mesmo sem ter consciência ou fundamentação teórica do que estava fazendo, pois, naquela época, ainda não tinha formação em nível superior em Pedagogia, seguia a minha intuição, procurava registrar, de maneira simples, as observações, considerações a respeito das minhas aulas, dos meus avanços e dos progressos dos alunos, principalmente dos que apresentavam uma certa dificuldade.*

*(...) Os meus registros são documentos 'vivos' da minha experiência, são relatos que narram minha vivência como professor/educador. Por meio deles posso lembrar e acompanhar meu crescimento profissional, pessoal e emocional. Relendo, percebo quantos erros cometi, quantas ações me levaram a repensar e a modificar minhas estratégias. E, é claro, não poderia esquecer, quantas alegrias obtive com as mudanças.”*

Cezar Sena, professor de EJA  
em Vargem Grande Paulista (1998)

A professora Júlia encontrou um outro caminho para registrar como sentia a sua trajetória, na EJA.



Que gráfico você construiria para a sua trajetória?

## Os professores registram o perfil de seus alunos...

Quem tem algum dom poético pode se valer dele para registrar de forma diferente o que vê na sua sala, no seu trabalho.

Foi o que fez a professora Maria Aparecida que escreveu o poema ao lado.

*Nesta sala que é para todos  
Veio gente de todo lugar!  
Paraíba, Bahia, Minas Gerais,  
São Paulo, Paraná e Ceará!*

*O objetivo é um só  
Saber ler, escrever e falar.  
A matemática, também aparece  
Mas, sempre em segundo lugar!*

*Mas querem tudo isto aprender  
Para ajudar os  
Filhos a fazer o dever  
Profissão muito varia:  
Doméstica, porteiro, feirante,  
Técnico eletrônico, lancheiro  
Faxineira e dona de casa!  
Sem ela, de nós o que seria?*

*Da escola, o que mais gostam é saber  
Mas, o que mais lhes satisfaz  
É com os colegas conviver!*

São muitas as formas de registrar aspectos do perfil dos alunos. Os gráficos são também formas de apresentar alguns desses aspectos.

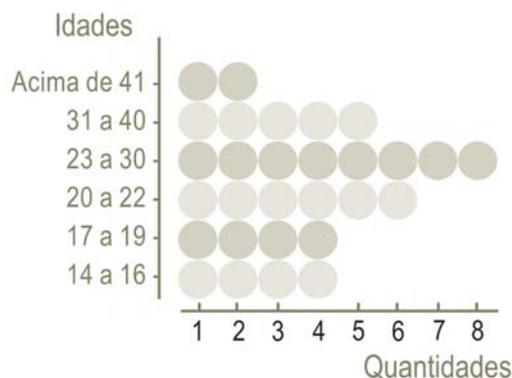
Profissões/quantidade de alunos:

Ajudante	7
Arrumadeira	4
Faxineira	4
Pedreiro	4
Empacotador	3
Cozinheira	2
Motorista	2
Vigia	2
Pintor	1



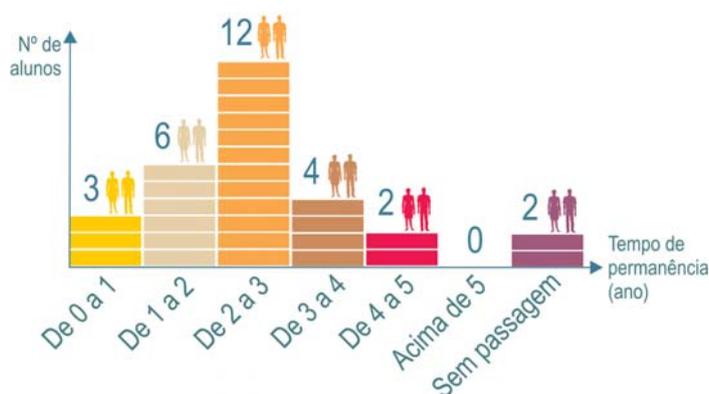
### Quantidade de aluno / faixa etária

Idades	Quantidades
De 14 a 16	4
De 17 a 19	4
De 20 a 22	6
De 23 a 30	8
De 31 a 40	5
Acima de 41	2



### Passagem do aluno pela escola / ano de permanência

Tempo de permanência (ano)	Nº de alunos
Sem passagem	2
De 0 a 1	3
De 1 a 2	6
De 2 a 3	12
De 3 a 4	4
De 4 a 5	2
Acima de 5	0



### Os professores registram reflexões sobre a sua prática pedagógica...

Esse é um propósito importante quando pensamos no para quê registrar, mas que só pode ser alcançado num constante exercício de diálogo com o que fazemos, o que propomos, o que nossos alunos respondem e aprendem com aquilo que ensinamos.

O registro do professor Wilson Mesquita de Almeida, do MOVA-São Paulo, ilustra bem esse tipo de registro:

## **A Roda de leitura.**

*“Como tudo na vida, a experiência da Roda de Leitura pode ser vivida de formas diferentes. Ou seja, não há um modelo único, fechado, que todos devem seguir. O que apresentaremos agora foi e está sendo fruto de nossa prática: uma atividade de leitura iniciada na turma de pós alfabetização no 1º semestre de 2002.*

*Nossa roda de leitura é semanal, ocupando todo o período de aula. Primeiramente, organizamos as cadeiras formando uma roda. Feita a roda, cada aluno recebe uma cópia do texto que vai ser trabalhado naquele dia. Costumamos trabalhar com textos de valor literário: contos, crônicas, trechos de romance, poesias, etc. Mas, também trabalhamos com outros tipos de textos como, por exemplo, notícias de jornal.*

*A roda de leitura se inicia com a minha leitura integral do texto. Neste instante, cada educando lê, silenciosamente, seu texto. Após terminar essa leitura, pergunto aos educandos sobre suas opiniões: se gostaram ou não e por quê?*

*Depois dessa conversa, peço para cada educando ler em voz alta um pedaço do texto. Quando encontro resistência dos alunos, devido à timidez ou medo de errar, costumo lembrá-los que isso é natural e ocorre com todas as pessoas nas várias situações do dia-a-dia: ler um texto na igreja, fazer perguntas em eventos, participar de reuniões e encontros. Além disso, lembro que são todos colegas e ficarão muito tempo juntos durante o período do curso, logo, o que importa é o aprendizado e não a “vergonha” de “se eu ler errado”.*

*Em seguida, sigo uma sugestão de uma de nossas alunas: grupos de quatro pessoas lêem partes do texto, enquanto os outros educandos acompanham em silêncio. E, assim, passamos por vários grupos de leitores. É um momento em que todos se envolvem!*

*Depois, inicio uma interpretação do texto. Nesse instante, vemos detalhes significativos que dão sustentação ao texto: qual é a mensagem que passa, quais as idéias principais, quais exemplos utiliza. Todo esse momento é feito com discussões, onde a participação do educando é sempre cultivada.*

*Por fim, após tal contato com o texto, discutimos significados das palavras e utilizamos o dicionário. Geralmente, procedo da seguinte maneira: quando o educando pergunta sobre algo, peço para ele localizar no texto (em que parágrafo, linha, enfim, onde está sua dúvida). Em seguida, pergunto se alguém sabe ou tem alguma contribuição para ajudar na solução da dúvida do colega. Se, mesmo assim, persistir a dúvida, pegamos o dicionário, encontramos a palavra, lemos e, o mais importante, verificamos se aquilo que lemos dá o significado do termo, já que esse significado, muitas vezes, pode variar, principalmente nos textos literários.*

*Como nós educadores estamos correndo contra o tempo e, além disso, os educandos possuem ritmos diferentes, nem sempre é possível terminar a atividade como planejamos. Não há problema, continuamos depois na semana seguinte. O importante é que cada ponto seja trabalhado com motivação e cuidado e o ambiente esteja descontraído. Assim, com certeza, bons frutos virão.”*

Nesse tipo de registro o professor realizou uma prática e pensa sobre ela: que objetivos buscou com determinado trabalho, como os alunos atuaram, o que revelaram ter aprendido e como avançaram, neste caso, no domínio e na relação com a leitura, o que deve ser mantido e o que deve ser mudado numa outra prática semelhante.

Esse e outros registros deste tipo são espaços para a construção de teorias sobre os encaminhamentos mais adequados para a educação de jovens e adultos. O(a) professor(a) que escreve confirma a importância de determinada prática em seu cotidiano, o(a) professor(a) que lê conta com uma referência viva e dinâmica para seu próprio fazer.

O próprio ato de reunir diferentes documentos relativos a uma prática pedagógica já constitui uma importante forma de guardar a memória das nossas realizações. É o registro documental, tão útil ao conhecimento histórico.

A Escola Municipal “Sebastião Nogueira”, em São Paulo, realiza anualmente uma semana onde são oferecidos diferentes cursos e oficinas, dentro do interesse dos alunos. O registro documental realizado pela escola é bastante completo e para fazê-lo é preciso organização e disciplina. Você pode conferir:



## O DIFÍCIL E PRAZEROSO ATO DE REGISTRAR

Como vimos há muitas formas de registrar, as que foram apresentadas e outras mais. Todas elas têm seu significado: algumas são mais apropriadas para um determinado objetivo, outras mais usuais, talvez, por serem mais práticas, menos exigentes.

No meio de tantas possibilidades destacamos o registro escrito, que por suas características, se tornou um dos mais importantes instrumentos de aprimoramento do(a) professor(a).

Sabemos que escrever é difícil, embora possa trazer satisfação. Entretanto as dificuldades não são só nossas. Veja o que dizem algumas pessoas que fazem da escrita sua profissão e não parecem querer abandonar o que fazem:

*“Escrevo a mão, em caderno, não importa em que lugar da casa. Prefiro lápis à caneta. Sempre carrego o caderno, mesmo em viagem, para registrar um episódio, um acontecimento que tenha natureza poético-literária. Sei que é a semente do texto. É meu dever registrar aquilo (...). Mas quando o livro fica pronto, costumo queimar todos os cadernos de rascunho.”*

Adélia Prado

*“Tenho uma característica: quando escrevo me ponho contra mim mesmo, como se eu estivesse querendo não facilitar as coisas para mim. Sou um escritor de muitos rascunhos. Não sou um escritor espontâneo, fluente.”*

Rubens Figueiredo

*“Gosto mais de desenhar do que de escrever. Se soubesse apenas desenhar... escrever não é uma coisa que faço com naturalidade. A falta de ânimo e de idéias é constante. Mas, pelo menos uma idéia por dia é preciso ter...”*

Luiz Fernando Veríssimo

*“Gosto de escrever com canetas modestas e em cadernos pequenos. Tenho alegria especial quando a caneta falha e acaba a tinta. Significa que avancei um pouco no texto. Que de algum modo, sob a forma de palavra, deixei a tinta. Já fui sistemática para escrever. Acordava cedo, me fechava e ficava horas escrevendo na máquina. Com o tempo comecei a viajar muito e aprendi a escrever a caneta onde quer que eu estivesse.”*

Nélida Pinõn.

## COMO REGISTRAR

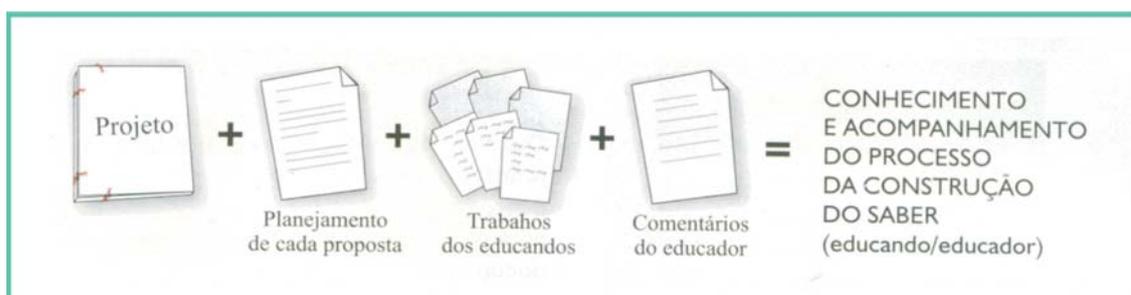
Quando nos dispomos a registrar nossas práticas ou algum aspecto ligado a elas, deparamos com uma série de questões: como organizar nosso tempo para sentar, anotar, escrever, refletir, documentar?

Da mesma forma que observamos a existência de muitos tipos e objetivos de registros, podemos notar que há uma quantidade bastante grande de meios, de formas e de caminhos para a realização deles. Cada um deve buscar a forma que mais se adapta ao seu jeito, ao seu tempo e às suas intenções.

Se, por exemplo, quero registrar uma seqüência de ações acontecidas dentro de um projeto e pensar sobre as aprendizagens e conquistas dos alunos, é interessante organizar uma pasta onde vou colocando o planejamento geral e

de cada uma das propostas, as produções dos alunos, as minhas observações em torno delas, enfim, tudo que considerar importante guardar.

No final, posso comparar as produções e comentar as mudanças ocorridas.



Se, por outro lado, quero refletir sobre o quanto os alunos avançaram num determinado conhecimento, é importante ir anotando o que foi sendo observado assim como as intervenções que foram feitas. Essas anotações são fundamentais para o escrito do registro. Vale sempre lembrar que confiar apenas na memória não é o melhor dos caminhos.

### Preparando para o registro

Estas são algumas sugestões de formas de organização que podem contribuir para o registro:

#### Em relação ao ato de registrar

- a) Ter um caderno para registrar fatos e comentários acontecidos ou relacionados a sala de aula.
- b) Organizar uma pasta para guardar as produções dos alunos, os planejamentos, os textos que foram utilizados na realização de um determinado trabalho, suas reflexões sobre ele e tudo mais que julgar significativo.
- c) Utilizar fichas com questões que orientam o registro. Veja um exemplo delas:



### **Em relação às formas de registrar :**

O professor Cezar Sena que há algum tempo vem trabalhando com o registro do professor comenta as diferentes formas do registro:

*“Existem vários meios e funções para o ato de registrar. O meio mais comum é o registro escrito. Temos o registro fotográfico, o registro sonoro, pictográfico - pinturas, desenhos, etc, registro cinematográfico - filmes em vídeo e DVD, registro mental - nossas memórias etc. No que se refere ao ato de registrar por escrito, destacamos três formas: a dissertativa, a narrativa e a descritiva.*

*Escrever de forma **dissertativa** é expor opiniões, pontos de vista fundamentados em argumentos e raciocínios baseados em nossa vivência, nossas leituras, nossas posturas, nossas conclusões a respeito da vida, dos colegas e de nós mesmos. Exerce-se, assim, o direito de ter idéias e expressá-las, respeitando as idéias dos outros, assumindo uma postura que problematize a realidade e mostre os fundamentos de tal problematização.*

*A **narração** é uma das mais antigas e fecundas expressões da linguagem. É uma aventura que tem o poder de nos fazer viajar, mergulhar nos relatos alheios e perceber neles os nossos próprios relatos, subentendidos ou explicitados, vividos ou sonhados. **Narrar** é contar, relacionar situações e personagens no tempo e no espaço, é perceber o que aconteceu, o que poderia ter acontecido e contar, relatar, repartir com os ouvintes ou leitores as histórias de nossas histórias.*

*Para se **descrever** algo, considera-se primariamente dois elementos: quem observa e o objeto a ser observado. Descrevemos fatos e acontecimentos com base no que conseguimos captar através dos nossos sentidos. Quanto mais amplas forem nossas observações, maior será a riqueza de detalhes do material registrado, facilitando a reconstrução, possibilitando maior reflexão por parte do leitor.*

*Independente do estilo de escrita de cada professor, se faz necessário reforçar o princípio básico da reflexão e da intencionalidade nesta ação. Registrar para refletir. Refletir para tomar consciência do momento presente para redirecionar, se necessário, sua prática.”*

### **Em relação aos temas:**

São infindáveis os temas cujos registros levam o(a) professor(a) a pensar melhor o seu fazer de educador(a), a sua compreensão do ato de ensinar, a sua forma de ver o mundo e de ler a realidade. Os registros tornam o(a) professor(a) autor(a) de sua teoria e por isso mais capaz de atuar positivamente na sua sala de aula.

- a) Registrar sobre quem são as alunas e alunos.
- b) Escrever sobre experiências positivas vividas na semana: quais e por que foram positivas.
- c) Escrever sobre experiências que não tiveram êxito: quais e por que.
- d) Escrever como os alunos escrevem, calculam, resolvem problemas matemáticos, pensam o mundo, a vida.
- e) Escrever sobre a dinâmica do grupo.
- f) Escrever idéias de continuidade, de aprofundamento ou de mudanças necessárias.
- g) Escrever sobre os pontos fortes do trabalho ou estudo e sobre os pontos que precisam ser revistos ou mudados.
- h) Escrever sobre as próprias aprendizagens durante um certo tempo: semestre ou ano, por exemplo.

Como você deve ter notado, os registros permitem ao(a) professor(a) construir a memória do processo vivido na sala de aula. Eles propiciam uma visão geral do trabalho desenvolvido, facilitando a constatação das dificuldades e sucessos. Possibilitam, assim, avaliar a aprendizagem dos alunos e a atuação do(a) professor(a).

## BIBLIOGRAFIA

CÉSAR SENA, Luis Mario da Conceição, Mariza V. e outros. *O educador reflexivo: registrando e refletindo*. São Paulo, Ed. Doxa - 2004.

LURIA A.R, Pensamento e Linguagem. *As últimas conferências de Luria*, Porto Alegre - Artes Médicas, 1987.

FREIRE, Madalena. *Observação, Registro, Reflexão*. Série Seminários Espaço Pedagógico. São Paulo - 1996.

WARSCHAUER, Cecília. *A roda e o registro*. Editora Paz e Terra - São Paulo.